



PSICANÁLISE

Wilfred R. Bion

Domesticando pensamentos selvagens

Blucher

KARNAC

DOMESTICANDO PENSAMENTOS
SELVAGENS

Wilfred R. Bion

Editado por
Francesca Bion

Tradução
Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

Título original: *Taming Wild Thoughts*

© 1997 Wilfred R. Bion

© 2016 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisão gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Bion, Wilfred R.

Domesticando pensamentos selvagens /
Wilfred R. Bion ; editado por Francesca
Bion ; tradução de Luiz Carlos Uchôa
Junqueira Filho. — São Paulo : Blucher, 2016.

79 p.

Título original: *Taming wild thoughts*.

ISBN 978-85-212-1136-5

1. Psicanálise. I. Título. II. Bion,
Francesca. III. Junqueira Filho, Luiz
Carlos Uchôa.

16-1430

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	7
A Grade	13
Introdução	13
1963	16
Sem Título	37
Introdução	37
28 de maio de 1977	38
29 de maio de 1977	53
Referências	73
Índice remissivo	75

A Grade

Introdução

Em 1994 a Dr.^a Rosa Beatriz, do Rio de Janeiro, enviou-me uma cópia deste artigo que lhe tinha sido dado pelo Dr. Hans Thorner em 1971, quando de sua estada em Londres. Sou-lhe grata pelo resgate deste trabalho, já que ele desaparecera de meus arquivos – e também de minha memória – sem ter sido previamente publicado, a não ser em uma revista que reuniu as contribuições dadas a um seminário acontecido em novembro de 1994, no Rio de Janeiro. Bion o apresentara numa Reunião Científica da British Psycho-Analytical Society em 2 de outubro de 1963 (creio que a data manuscrita de 2/10/63, que consta na primeira página, foi acrescentada pelo Dr. Thorner).

Ele foi escrito após a publicação de *Learning from Experience* (1962), no qual a Grade não é mencionada, apesar de Bion ter trabalhado esta ideia já há algum tempo antes de sair o livro. Nós tínhamos mencionado vários possíveis nomes para esta nova “cria” sobre a qual ele então expressava todo seu habitual entusiasmo despertado por uma nova invenção – ao qual, por fim, seguia-se

uma constatação igualmente habitual de seus defeitos (vide Bion, *Two Papers*, 1977, p. 16).

Neste artigo de 1963, sua meta era fornecer uma explicação clara e detalhada da construção e do uso da Grade. Isto ele o fez admiravelmente sem qualquer “digressão”, como poderia ser alegado ter acontecido na versão de 1971, que é duas vezes maior. Aquele artigo contém um material clínico vivo e uma discussão razoavelmente longa de seis mitos (construtos da Fileira C): ele passou a lhes conferir um peso cada vez maior na importância de seu uso a partir de *Elements of Psycho-Analysis* (1963).

Ele produziu uma profusão de evidências para realçar as deficiências da Grade: “Posso dizer que uma das primeiras baixas, quando se tenta usar a Grade, é a própria Grade”. Mas ele prosseguiu: “No entanto, seu uso me facilitou poder preservar uma atitude crítica, mas ainda informativa e esclarecedora, em relação a meu trabalho” (Bion, 1977, p. 6). Em 1974, no Rio de Janeiro, ele disse: “A Grade é uma frágil tentativa de produzir um instrumento [...] Acho ser proveitoso sabermos de suas limitações, quão inadequada ela é para a tarefa para a qual eu a construí” (Bion, 1974/75). E mais adiante, em 1977, em New York, ele afirmou: “Tão logo eu terminei de produzir a Grade, pude constatar o quanto ela era limitada [...] e a satisfação se desvaneceu”. Ao ser indagado se ela era difícil, ele respondeu: “Para mim não: é que o esforço não compensa por não corresponder aos fatos que estão me aguardando” (Bion, 1980).¹ Se bem que esta não fosse com certeza sua intenção, estas observações eram desanimadoras, na melhor das hipóteses. Por outro lado, em 1973 em São Paulo, ele reagiu com óbvio interesse e entusiasmo a uma questão a respeito de uma eventual ampliação da Grade (vide Bion, *Brazilian Lectures*, 1974/75, pp. 41-42). Ao responder, ele falou de poder visualizar a Grade se repetindo como uma hélice. Ainda em São Paulo em 1978, ele mencionou uma interessante expansão da Grade (vide *Bion in New York and*

São Paulo, 1980, pp. 91-92): ele imaginou que ela pudesse se modificar de modo que “as distâncias entre as linhas se tornassem bem delgadas”, constituindo um “gradeamento”.

Bion enfatizou que a Grade não é uma teoria, nem deveria ser usada durante a sessão, mas que poderia ser usada com benefício “num isolamento relativo de qualquer ataque”.² E fez uma advertência: “ela com certeza não causará danos, desde que não se permita que ela invada a relação analista-analisando como uma teoria a respeito do paciente que esteja de tocaia e, então, seja descarregada como um míssil numa batalha”.

Seria útil enumerar os usos para os quais, no seu entender, e a partir de sua experiência, a Grade poderia servir. Ei-los:

1. Para exercitar a intuição do analista.
2. Para ajudar a registrar na memória o trabalho feito nas sessões.
3. Para aumentar a agudeza das observações.
4. Para facilitar transpor o hiato entre os fatos de uma análise e suas interpretações.
5. Como uma “atividade lúdica”, que ofereça exercícios aos psicanalistas, como um método de desenvolver suas capacidades intuitivas.
6. Para ajudar a desenvolver um método de registro escrito análogo à comunicação matemática, mesmo na ausência do objeto.
7. Como um prelúdio à psicanálise e não como um substituto a ela.
8. Para fornecer um andaime mental no qual os psicanalistas pudessem exercitar seus músculos mentais.

9. Como um instrumento para classificar e, em última instância, compreender os enunciados.

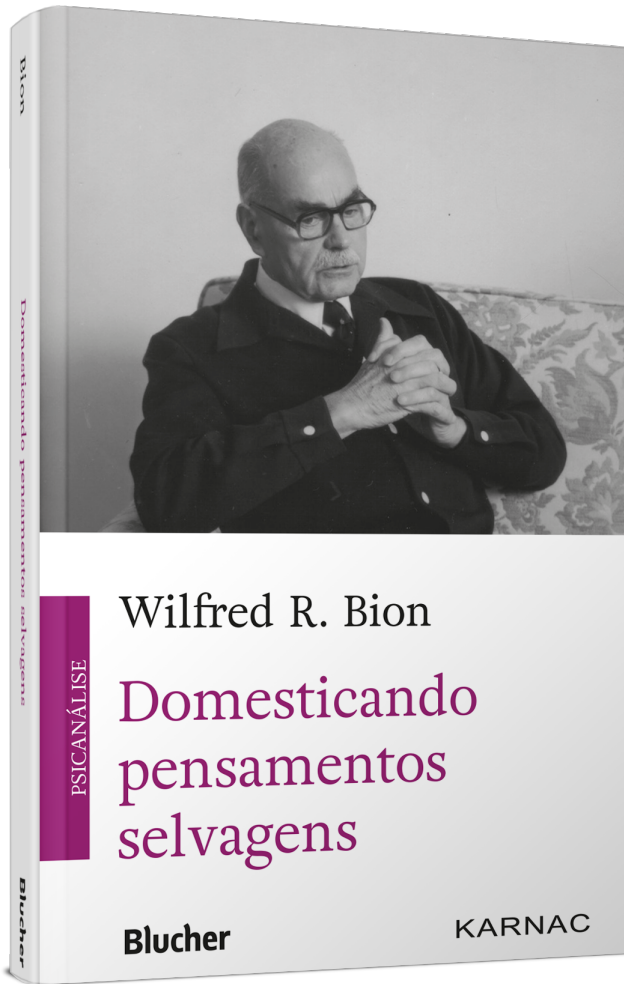
Francesca Bion

1963

Este artigo visa introduzir um método que achei útil à reflexão dos problemas surgidos durante o curso da prática psicanalítica.

Estamos familiarizados com as ansiedades que se manifestam no decorrer do tratamento de pacientes e também com a necessidade de manejar estas ansiedades através de nossas análises pessoais. Atualmente estou interessado em um destes aspectos que parece ter recebido pouca ou nenhuma atenção, ou seja, aquela ansiedade moderada que surge quando é claramente importante resolver um problema que é, dada a sua complexidade, muito difícil de solucionar. Devido a nosso trabalho, existe uma tendência a pensar em tal ansiedade como uma contratransferência e esquecer que ela poderia também ser apropriada quando se busca uma resposta adequada para um perigo. Minha abordagem não deve ser considerada como uma insinuação de que exista uma menor necessidade para a análise pessoal do analista. O que direi deveria, na realidade, ser uma contribuição a esta abordagem através da análise pessoal.

Meu tema não pertence diretamente à esfera do trabalho realizado em situações analíticas, tampouco esclarece como registrar as sessões. Mesmo assim, tem uma relevância no trabalho das sessões, porque os procedimentos que estou por expor realmente auxiliam a manter a intuição do analista em treinamento, por assim dizer, e efetivamente ajudam na impressão do trabalho das sessões na memória. Talvez isto possa, mais adiante, auxiliar no



Clique aqui e:

Veja na loja

Domesticando pensamentos selvagens

Wilfred R. Bion

ISBN: 978-85-212-1136-5

Páginas: 80

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2016

Peso: 0.131 kg
